

# CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 19 de novembro de 1996

*Invasões, seca e queimadas ameaçam o Parque Nacional de Brasília, que completa 35 anos no próximo dia 29*

# O VERDE VIOLENTADO

Julianna Sofia  
 Da equipe do Correio

**O** Parque Nacional de Brasília comemora 35 anos no próximo dia 29. Mas já tem cara de senhor de idade. Cercado por maus vizinhos — entre eles, o Lixão e um estande de tiro do Exército —, o espaço de 30 mil hectares não está conseguindo escapar ao envelhecimento precoce. É alvo de constantes queimadas e vítima da seca, que a cada ano faz nascentes e minas d'água desaparecerem. "A cidade cresceu muito e toda esta pressão entrópica (desordenada) fez da área um parque ilhado e urbano", diz o chefe do Parque Nacional, Elmo Monteiro. O resultado disso é que, hoje, menos de vinte metros separam mudas de canela-de-ema — planta abundante no parque e que se tornou símbolo do local — da fossa de resíduo hospitalar do Lixão.

Para piorar, a perturbação da vizinhança não fica só do lado de fora das cercas. Uma matilha com milhares de cães domésticos já há algum tempo tira a paz dos animais silvestres e funcionários do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), responsáveis pela preservação do parque. "São cães de pessoas que invadiram áreas próximas", afirma Elmo. "Esses cachorros foram abandonados, passaram a viver dentro do parque e se tornaram selvagens, atacando animais e funcionários."

## CORREDORES

Segundo Elmo Monteiro, as frequentes invasões nas proximidades do parque acabam interrompendo os chamados corredores ecológicos — que funcionam como passagens de animais silvestres que saem dos limites do parque para buscar outras áreas propícias para reprodução.

Um exemplo de interrupção do corredor ecológico, de acordo com Elmo, é a invasão que se instalou sob a ponte do Córrego do Bana-

nal. "Ali virou uma favela fechando a saída de animais como a anta", lamenta o chefe do parque.

A presença de chácaras em volta da reserva cria problemas similares. O animal silvestre que entra em uma fazendinha ou sítio acaba sendo abatido pelo chacareiro, que teme prejuízos com a plantação ou criação de pequenos animais.

## QUEIMADAS

Apesar de terem castigado mais de 70% do Parque Nacional, em 1993, as queimadas não passaram de ameaça à reserva este ano. O Plano Emergencial de Combate ao Fogo, o Previfogo, impediu grandes incêndios. "O fogo não atingiu sequer 500 metros quadrados do parque em 96", calcula Elmo.

Mas a lembrança de grandes queimadas ainda é presente e palpável. O ecossistema foi abalado e minas d'água como a Peito de Moça — um pequeno morro de onde brotava uma fonte — está secando.

Elmo Monteiro ressalva, no entanto, que as pequenas queimadas provocadas pela própria natureza são necessárias à fauna e à flora do parque. "Existem animais como a ema que se alimenta da vegetação que brota logo após uma queimada". Por esse motivo, a brigada responsável pelo combate ao fogo no local apenas monitora pequenos focos de incêndio ocorridos naturalmente.

## PROGRAMAÇÃO

Abatido e carregando o fardo da velhice precoce, o Parque Nacional de Brasília ainda é sinônimo de alegria e vitalidade. As piscinas da Água Mineral e trilhas ecológicas da reserva lotadas por visitantes nos fins de semana ensolarados são prova disso. No domingo, mesmo com céu nublado e vento frio, o público compareceu ao local e participou das primeiras atividades em comemoração ao aniversário do parque.

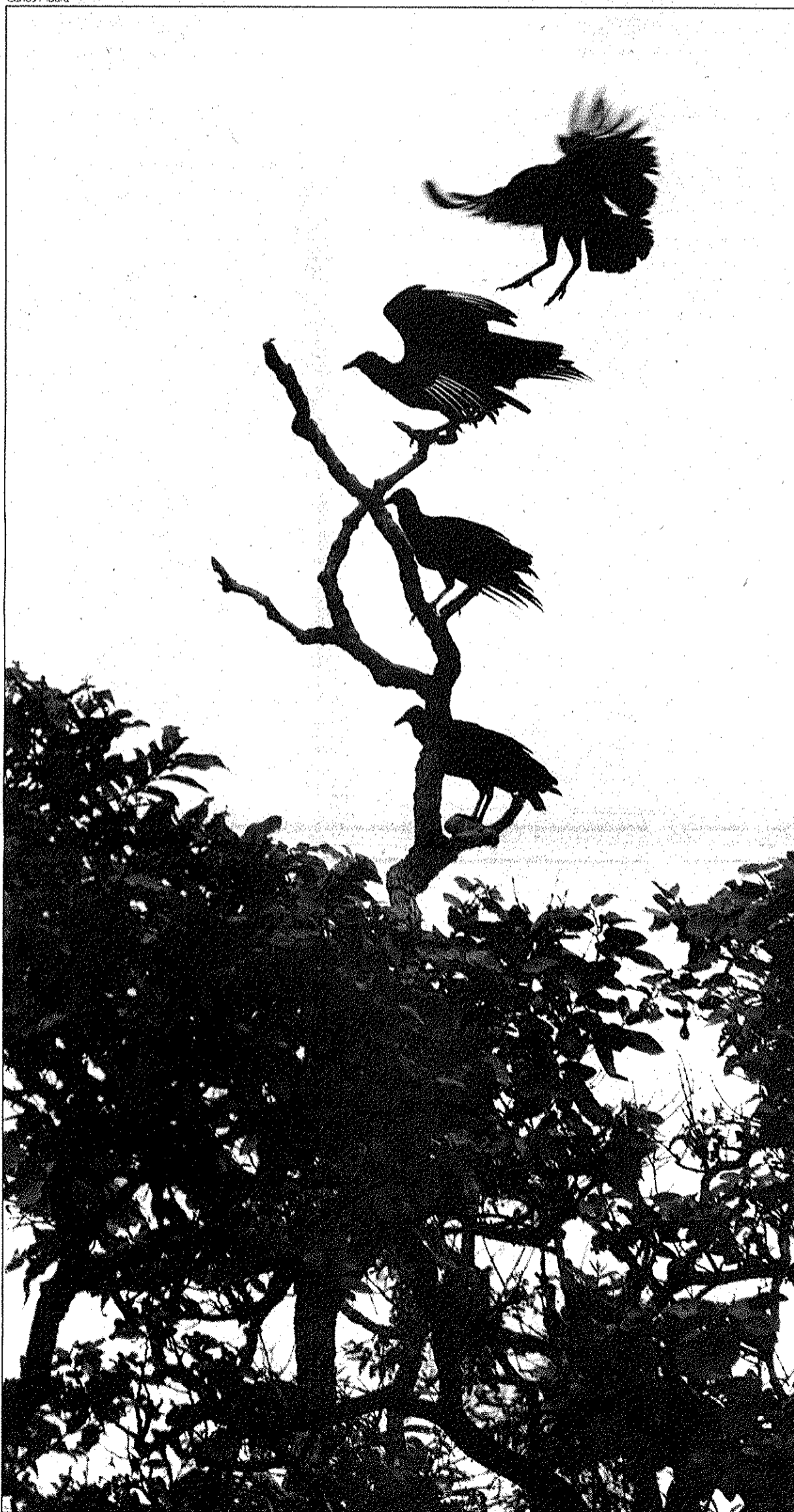
A campanha internacional *Meatless Day* (Dia sem Carne) se encarregou de divertir adultos e crianças. Pintura de rosto, palhaço, Tai Chi Chuan, origami.

Tudo para despertar nas pessoas o respeito pelos animais e pedir a todos para não consumir carne na próxima segunda-feira, dia 25. "Não vou comer carne nesse dia", promete a pequena Marina Bueno, 7 anos. "Eu gosto muito de bicho, como o meu cachorro, o Pity."

"O *Meatless Day* é internacional e surgiu como protesto contra a matança de animais", explica a coordenadora da campanha em Brasília, Luísa Schwarz. Ela diz que além de lutar contra a matança, a campanha reivindica o fim da mutilação de animais.

No próximo domingo, a campanha atingirá o auge com uma passeata no Parque da Cidade.

Carlos Moura



Urubus pousam em galhos de árvores do parque. Proteger a fauna e flora locais: um desafio para os brasilienses

## ARTIGO

### Ter consciência para preservar

Salviano Antônio G. Borges

A continuidade da Asa Norte — no sentido Sobradinho — abre-se para um oásis, uma ilha verde de 30 mil hectares, em cujo centro encontra-se um lago. Nessa área estão as nascentes dos córregos do Torto e Bananal e o Lago de Santa Maria, que garante água potável para Brasília.

Há cem anos nessa área, ao lado do córrego do Brejo, a Comissão Exploradora do Planalto Central, sob o comando do Engenheiro Luiz Cruls fincou seu acampamento, e daí fez os estudos que culminaram com a demarcação do quadrilátero de 14.400 km<sup>2</sup> destinado a abrigar a futura capital da República.

Há 35 anos o governo federal criou pelo Decreto 241, de 29 de novembro de 1961, o Parque Nacional de Brasília, como forma de proteger e preservar a fauna e a flora do Planalto Central para as futuras gerações.

A sábia e oportuna decisão permitiu à nossa geração o usufruto de um santuário da natureza.

Devemos portanto, neste instante de reflexão sobre a importância do Parque Nacional para o Distrito Federal e a região do Cerrado, não nos determos na acomodação do existente, mas, e principalmente, avançar com novos desafios e novas proposições capazes de envolver cada vez mais o ser humano com o meio ambiente.

É nessa linha que lançamos para discussão da sociedade e de todos que convivem mais de perto com esse espaço, a proposta de criarmos no parque um "Centro Nacional de Documentação e Educação Ambiental" como ponto de referência para estudiosos, pesquisadores, professores, mas que atenda também produtores, empresários e todos aqueles que movidos até mesmo pela curiosidade possam usar do acervo ali depositado. E não apenas para o enriquecimento pessoal, mas principalmente para a formação de uma consciência coletiva capaz de perceber que o respeito à natureza nos garante a preservação do futuro.

■ Salviano Antônio Guimarães Borges é superintendente do Ibama no Distrito Federal